Dispensacionalismo: Invalidando os Ensinamentos de Jesus

por Sir Anthony F. Buzzard

Título original (em inglês)
"***Dispensationalism: Canceling the Teaching of Jesus***"

Todas as citações bíblicas neste estudo em espanhol foram retiradas da versão em português da Almeida Corrigida Fiel 2007. (ACF2007). Salvo indicação em contrário.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo bíblico estão entre [colchetes].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou de outra língua diferente ao português serão colocadas entre aspas, em "*CURSIVA*" e/ou transliteradas para português.

Para as escolas teológicas comprometidas em acreditar na palavra oficial das Escrituras, existem outras maneiras de contornar o Evangelho do Reino. Uma tradição evangélica popular erigiu um esquema segundo o qual o Evangelho do Reino não é especificamente o Evangelho da salvação agora oferecido aos crentes potenciais. É um sistema conhecido como "Dispensacionalismo". Todos os estudantes da Bíblia reconhecem que Deus designou diferentes "dispensações" ou arranjos para diferentes períodos da história. A dispensação mosaica, por exemplo, impôs às fiéis exigências diferentes daquelas exigidas no Evangelho do Novo Testamento. Mas o "Dispensacionalismo" vai muito mais longe. Ele sustenta que o Evangelho do Reino foi pregado por Jesus apenas aos judeus, até que estes rejeitaram a oferta do Reino; depois disso, Paulo apresentou um evangelho diferente, o evangelho da graça. A teoria então sustenta que o Evangelho do Reino será restabelecido sete anos antes do retorno de Cristo, uma época em que, de acordo com o Dispensacionalismo, a Igreja terá sido removida da terra pelo chamado "arrebatamento pré-tribulação". [1]

O sistema dispensacional foi imposto ao texto das Escrituras no interesse de uma teoria estranha à Bíblia. Como observamos, Lucas fez um grande esforço para mostrar que o evangelho de Paulo não era diferente do de Jesus. Ambos os homens pregaram o Evangelho sobre o Reino. [2] Paulo, ao contrário do Dispensacionalismo, nada sabia sobre a diferença entre o "*Evangelho da graça*" (*Atos 20:24*) e "*pregar o Reino*" (*Atos 20:25*). Ele deliberadamente os iguala. Como diz *F.F. Bruce* diz: "É evidente, comparando este versículo [*Atos 20:24*] com o seguinte, que a pregação deste Evangelho [da graça] é idêntica à proclamação do Reino... A proclamação do Reino é o mesmo que dando testemunho da boa nova da graça de Deus". [3] Esta evidência incontestável contradiz categoricamente o Dispensacionalismo contemporâneo. *Erwin Lutzer*, da "*Moody Church Radio Ministries*" (Ministério de Rádio da Igreja *Moody*), declara: "Eu acredito que o evangelho do reino é diferente do evangelho da graça de Deus… O evangelho da graça de

---

[1] Jesus falou de reunir os cristãos eleitos depois (ou seja, após) da tribulação (*Mateus 24:29-31*; os eleitos, claro, são os cristãos: ver *Mateus 22:14*, onde "eleitos" representa a mesma palavra grega "eleitos"). Também exortou os seus seguidores a aguardarem a sua redenção após os acontecimentos cataclísmicos que conduzem ao fim dos tempos (*Lucas 21:28*). Uma vez que Jesus instruiu os seus seguidores a "fugir para os montes" no início da tribulação, deve ser óbvio que Ele não tinha em mente uma partida para o céu! Paulo esperava que os cristãos tivessem de sobreviver até a manifestação pública de Jesus em poder e glória (*2 Tessalonicenses 1:7-9*). Ele advertiu expressamente contra qualquer sistema que ensinasse que os cristãos seriam reunidos antes do aparecimento do Anticristo (*2 Tessalonicenses 2:1-4)*.

[2] *Lucas 4:43, etc.; Atos 19:8; 20:25; 28:23, 31*.

[3] F.F. Bruce, "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos de dos Apóstolos), Eerdmans, 1975, págs. 379-380.

Deus não tem nada a ver com o Reino em si" [4] Mas esta confusão sobre o único Evangelho salvador foi aprendida a partir de uma tradição não examinada, não da Bíblia. Ao postular "duas formas do Evangelho", os dispensacionalistas inventaram uma distinção muito infeliz que não existe no texto das Escrituras.

O Dispensacionalismo invalida formalmente o Evangelho tal como Jesus o pregou. Poderia a Igreja ter sofrido um desastre maior do que esta restrição sistemática da pregação do próprio Evangelho de Jesus? *A.C. Gaebelein* foi um dos principais expoentes da teoria do "evangelho dividido". Referindo-se às palavras de Jesus em *Mateus 24:14*: "*E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações*", ele escreveu:

> A pregação que é mencionada é a do Evangelho do Reino, mas esse Evangelho não é pregado agora, pois nós pregamos o Evangelho da Graça... Com esse evento [o apedrejamento de Estêvão] a pregação do Evangelho do Reino cessou. Outro evangelho foi pregado. O Senhor deu-o ao grande Apóstolo, a quem Ele próprio chamou Paulo. E Paulo chama a este Evangelho "o meu Evangelho". É o Evangelho da Graça gratuita de Deus para todo aquele que crê, o Evangelho da Glória de Deus, o Evangelho de um Senhor ressuscitado e glorificado... Agora, durante o tempo em que foi pregado que o Reino estava próximo, o Evangelho da Graça não foi ouvido. E durante o tempo em que o Evangelho da Graça é pregado, o Evangelho do Reino não é pregado. [5]

Por causa deste extraordinário erro exegético, o Evangelho cristão do Reino de Jesus foi rejeitado em tribunal: rejeitado como suspenso e decretado inadmissível por enquanto. A situação parece exigir um profundo arrependimento e a restauração do Evangelho completo de Jesus no centro do evangelismo. Pode haver algo chamado evangelismo que não tenha na mais alta honra e ênfase o mesmo Evangelho anunciado por Jesus e ordenado pela Grande Comissão até o fim dos tempos? Se Paulo tivesse pregado, como diz *Gaebelein*, "outro evangelho", ele teria se colocado sob sua própria maldição (*Gálatas 1:8, 9*). Teria violado as instruções de Jesus de que os seus ensinamentos fossem difundidos por todo o mundo.

O artigo "Evangelho" no "*Unger's Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Unger) representa a mesma tendência dispensacionalista comum de ignorar o Evangelho como Jesus o pregou. Este tipo de pensamento sobre o Evangelho e a salvação teve imensa influência particularmente nos Estados Unidos, mas os seus efeitos são sentidos em todo o mundo evangélico:

> Formas do Evangelho para diferenciar. Muitos professores da Bíblia fazem uma distinção no seguinte:
>
> **(1)** *O Evangelho do Reino*. A Boa Nova de que o propósito de Deus é estabelecer um reino terrestre mediador em cumprimento da Aliança Davídica (*2 Samuel 7:16*). Duas proclamações do evangelho do reino são mencionadas, uma já passada, começando com o ministério de João Batista, continuado por nosso Senhor e Seus discípulos, *e terminando com a rejeição judaica do Messias*. A outra pregação ainda é futura (*Mateus 24:14*), durante a Grande Tribulação, e anunciando o segundo advento do Rei...
>
> **(2)** O Evangelho da graça de Deus... As boas novas da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo dadas por nosso Senhor e pregadas pelos Seus discípulos (*1 Coríntios 15:1-4*). [6]

A trágica supressão do Evangelho do Reino é evidente na Bíblia de Estudo *Scofield* em *Apocalipse 14:6*. O sistema de definição do evangelho descrito nesta nota afetou toda a apresentação evangélica da salvação, mesmo quando *Scofield* não é especificamente reconhecido. *Scofield* começa definindo o Evangelho salvador como o Evangelho da graça de Deus que, segundo ele, está limitado aos fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus. *Scofield* então prossegue dizendo que "outro aspeto das boas novas é o evangelho 'do

---

[4] "*From correspondence*" (De correspondência), outubro de 1996.
[5] "*The Olivet Discourse*" (O Discurso das Oliveiras), Baker Book House, 1969, págs. 9, 39, 40, ênfase adicionada.
[6] *Merrill F. Unger*, "*The New Unger's Bible Dictionary*" (O Novo Dicionario Bíblico de Unger), Moody Bible Institute, 1988, pág. 420, ênfase adicionada.

Reino'... As boas novas deste reino foram anunciadas... por Cristo na Sua primeira vinda (*Mateus 9:35*), e será proclamado durante a grande tribulação" (*Mateus 24:14*). *Scofield* bane assim o Evangelho do Reino da atual mensagem de salvação, afirmando *que o Evangelho cristão agora trata apenas da morte expiatória de Jesus e da sua ressurreição*. Desta forma, Jesus é separado da sua própria pregação do Evangelho. Podemos muito bem observar que o principal truque de Satanás é separar Jesus dos seus ensinamentos. Pode-se proclamar "Jesus" com toda a seriedade, mas o verdadeiro Jesus é dado a conhecer independentemente do seu Evangelho e ensino completos? Jesus conhecia bem o perigo de pregar "fé em Jesus" sem falar ao público sobre as "palavras de Jesus". Somente aqueles cuja fé está alicerçada no alicerce rochoso dos ensinamentos/Evangelho de Jesus estão em terreno sólido (*Mateus 7:24-27; Marcos 8:35-38*; e veja todo o Evangelho de João com sua constante insistência na palavra /palavras/ensino de Jesus).

A incerteza sobre o evangelho cristão não é surpreendente quando uma interpretação tão evidentemente errônea da Bíblia faz parte de um sistema com enorme influência nos púlpitos e na literatura cristã. Certamente as palavras de Paulo em Atos 20:24, 25 deveriam banir a distinção artificial proposta pelo "Bible Dictionary and the Scofield Bible" (Dicionário Bíblico e a Bíblia Scofield). Paulo relembrou sua carreira e observou que havia "terminado a carreira, o ministério que recebi do Senhor Jesus de testificar solenemente **do evangelho da graça de Deus**… a todos vocês entre os quais fui **pregar o Reino**". *Claramente não há diferença entre o Evangelho da graça e o Evangelho do Reino*. É verdade, claro, que Jesus inicialmente não pregou a sua morte e ressurreição como parte do Evangelho. A morte e ressurreição de Jesus foram posteriormente elementos críticos na proclamação de Paulo. Contudo, não substituíram a pregação do Reino, que permaneceu tanto como o coração do Evangelho de Paulo como tinha sido o centro da própria Mensagem de Jesus.

Quando Jesus embarcou na sua intensa campanha evangelística na Galileia, por volta de 27 d.C., ele convocou o seu público para uma mudança radical de coração baseada na crença nacional de que Deus iria inaugurar o Reino mundial prometido por Daniel e todos os profetas. A crença inteligente na promessa do Reino deve ser o primeiro passo do discípulo, juntamente com uma grande reviravolta no seu estilo de vida. Desta forma, homens e mulheres podem alinhar-se com o grande propósito de Deus para a Terra.

A natureza da atividade de Jesus era a de um arauto fazendo um anúncio público em nome do único Deus de Israel. A ideia central da Mensagem era que cada indivíduo empreendesse uma reorientação radical da sua vida diante da certeza do Reino de Deus vindouro. Esta foi, e continua sendo, a essência do evangelho cristão. Como poderia ser de outra forma, quando é a Mensagem do Evangelho que sai dos lábios do próprio Messias?

É uma questão de bom senso reconhecer que, ao usar o termo "Reino de Deus", Jesus teria evocado nas mentes do seu público, imbuído como estava da esperança nacional de Israel, um governo mundial divino na terra, com sua capital em Jerusalém. Isto é o que o Reino de Deus certamente teria significado para os seus contemporâneos. Os escritos dos profetas, que Jesus, como judeu, reconheceu como a palavra divinamente autorizada de Deus, prometeram unanimemente a chegada de uma nova era de paz e prosperidade. O Reino ideal governaria para sempre. O povo de Deus seria vitorioso numa Terra renovada. A paz se espalharia por todo o mundo.

Portanto, anunciar a vinda do Reino envolvia tanto uma ameaça como uma promessa. Para aqueles que responderam à Mensagem acreditando nela e reorganizando as suas vidas em conformidade, havia uma promessa de um lugar nas glórias do futuro governo divino. De resto, o Reino ameaçaria ser destruído, pois Deus executaria o julgamento sobre qualquer pessoa que não fosse digna de entrar no Reino quando este chegasse. Este tema governa todo o Novo Testamento. À luz deste conceito primário, o ensino de Jesus torna-se compreensível. É uma exortação para obter a imortalidade no futuro Reino e para escapar da destruição e exclusão do Reino.

Os sistemas tradicionais de pregação do Evangelho estão sobrecarregados com o destino antibíblico do crente descrito como "céu". A aliança abraâmica que fundamenta o Evangelho cristão do Reino aplica-se

então apenas aos judeus! Mas são os *cristãos* que, segundo Jesus, estão destinados a "*herdar a terra*" (*Mateus 5:5*) e o Reino.

O Sermão da Montanha

Os cristãos deveriam acordar para o facto de que os seus vários sistemas tradicionais, que afirmam ser baseados nas Escrituras, não os têm servido bem. As Escrituras em nenhum lugar dizem que Jesus pregou uma mensagem judaica na cruz; Depois disso, Paulo trouxe uma mensagem de graça aos gentios. A chamada escola "dispensacional" está a criar uma falsa distinção e divisão. Os ensinamentos de Jesus não permanecem no centro do esquema de salvação proposto pelos dispensacionalistas. *John Walvoord* diz que o Sermão da Montanha:

> Não se trata de salvação, mas do caráter e conduta daqueles que pertencem a Cristo... Sua intenção claramente não é delinear o evangelho de que Jesus Cristo morreu e ressuscitou, ou apresentar a justificação pela fé. Nem é seu propósito apontar a salvação em Cristo ao incrédulo... O Sermão da Montanha, como um todo, não é precisamente a verdade da igreja. [7]

De forma bastante ambígua, ele acrescenta que não deve ser "relegado a uma verdade sem importância". [8]

As palavras de Jesus no Sermão da Montanha dificilmente poderiam expressar mais claramente que a obediência aos seus ensinamentos é, de fato, a base da salvação: "*se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus* [isto é, ser salvo]" (*Mateus 5:20*). "*Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus*" (*Mateus 7:21*). Jesus continua dizendo que aqueles que não conseguem obter a salvação são aqueles que não obedecem às suas palavras (*Mateus 7:24-27*). [9] E isto, nas palavras de *Walvoord*, "não é precisamente a verdade da igreja"?

Até que as igrejas renunciem ao desprezo pelos ensinos de Jesus implícitos em seus vários sistemas, não podemos ter esperança de unidade. Temos de nos unir em torno do grande tema central do Evangelho do Reino, que exprime o génio da fé cristã e nos aproxima do coração de Jesus. A distinção que *L.S. Chafer* faz entre o que alguns chamam de ensinamentos "legais" de Jesus e a mensagem da graça de Paulo parece-nos completamente errónea:

> Sob as condições estabelecidas nos ensinamentos do reino, entra-se na vida através da fidelidade pessoal (*Mateus 5:28, 29; 18:8, 9; Lucas 10:25-28*). Quando *Lucas* expressa esta mesma exortação no Evangelho (*13:24*), ele começa com as palavras: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita". A palavra esforçar-se é uma tradução de "*agonizomai*", que significa "agonizar". Sugere o gasto máximo de força do atleta na competição. Tal é a condição humana que caracteriza todas as passagens do reino que oferecem a entrada para a vida. Uma mudança abrupta é encontrada ao nos voltarmos para o Evangelho de João, que foi escrito para anunciar a nova mensagem da graça, ou seja, que a vida eterna pode ser obtida pela fé. Não há duas palavras nas Escrituras que expressem mais vividamente os grandes relacionamentos que caracterizam a lei e a graça do que agonizar e crer. A graça é o desenvolvimento do fato de que Alguém morreu em nosso lugar, e a vida é "através do Seu Nome", e não por qualquer grau de fidelidade ou mérito humano. [10]

Embora o Dispensacionalismo defenda a autoridade e a integridade das Escrituras, ele passa a dividir os apóstolos uns contra os outros, tornando João e Paulo rivais de Jesus. Faz com que o Evangelho do Reino

---

[7] "*Matthew: Thy Kingdom Come*" (Mateus: Venha a nos o Teu Reino), Moody Press, 1984, págs. 44, 45.
[8] *Ibid*., pág. 45.
[9] Compare *João 3:36; 8:51; 12:44-50*.
[10] *L.S. Chafer*, "*Systematic Theology*" (Teología Sistemática), Dallas Seminary Press, 1947-48, Vol. IV, pág. 224.

de Jesus, pelo qual se deve buscar a salvação, [11] tenha apenas interesse histórico, uma vez que a mensagem foi alterada, segundo a teoria, na cruz. Simplesmente não é verdade que "acreditar" seja uma ideia nova no Evangelho de João e Paulo. Crer no Evangelho do Reino de Deus é a plataforma para a apresentação de Jesus da mensagem salvadora em Mateus, Marcos, Lucas e João (João refere-se constantemente à "palavra" e às "*palavras" de Jesus), e Paulo também traça todo o som sólido. fé para acreditar na "mensagem* do Messias" (*Romanos 10:17*).

[11] *Marcos 1:14, 15; Mateus 13:19; Lucas 8:12; Atos 8:12; 19:8; 28:23, 31*.